

V CBEO - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

GENEALOGIA COMO ANALÍTICA DE DISPOSITIVOS: PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA
PARA ESTUDO DAS POSITIVIDADES DA 'FORMA EMPRESA'

Igor Baptista de Oliveira Medeiros (UNIPAMPA) - igormedeiros@unipampa.edu.br
Professor Adjunto de Administração na Universidade Federal do Pampa

Claudia Simone Antonello (UFRGS) - claudia.antonello@ufrgs.br
Professora/pesquisadora (PPGA/EA/UFRGS)

O extemporâneo é a condição daquilo que se manifesta fora ou além do tempo apropriado ou desejável. É um estado que não é próprio ou característico do tempo ou do momento em que ocorre. A operação de uma genealogia, intenção desse estudo, é extemporânea porque requer fissurar as unidades do tempo para pô-las em análise, desprendê-las, mostrar-lhes seu lugar no curso da história; enfim, dar-lhes a chance de inscreverem nos corpos suas marcas: passado, presente e futuro coabitando os instantes imanes da experiência. A pesquisa genealógica parte, então, de começos múltiplos, como uma ontologia da diferença, procurando encontrar o momento de proliferação de acontecimentos em torno de um objeto, fragmentando o que dele estava unido, mostrando a sua heterogeneidade. Não se parte em busca de um começo inaugural. Nietzsche já nos alertara que todo começo que se diz original é baixo, errôneo, falho, impreciso.

Os começos são múltiplos porque enfatizam o ponto de articulação da heterogênesse, dos instantes que exigem as minúcias do saber, as controvérsias nas práticas, os dissensos nos discursos; o lugar onde todo esse descontínuo se pulveriza, articulando o corpo com sua história (FOUCAULT, 2001). É a descontinuidade que torna inevitável a ascensão da dimensão genealógica: se a história genealógica dirigida toma a iniciativa de fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam, “ela já está presente na atenção extrema aos acontecimentos, às rupturas temporais, sob a forma de fatos isolados ou pela emergência de novas convergências epistêmicas que se dão sempre contra um fundo de ruptura” (REVEL, 2004, p. 69).

A proposta de uma genealogia do management¹ parte, então, dessa extemporaneidade, de um distanciamento em não conformidade com aquilo que o nosso tempo julga como apropriado ou desejável. Se Foucault é um grande filósofo, que repercute até hoje é porque ele se serviu da história em proveito de outra coisa: agir contra o tempo e assim mesmo sobre o tempo, em favor de um tempo que está por vir. O que aparece como ou novo é o que Nietzsche chamava de intempestivo (AGAMBEN, 2009), este devir que se bifurca com a história, este diagnóstico que continua a análise por outros caminhos (REVEL, 2004). A genealogia é, assim, uma análise sempre inacabada, incompleta, sem fim.

¹ A opção por não traduzir o termo ‘management’ se deu justamente para enfatizar a sua positividade atualmente, visto que o próprio corretor gramatical do editor de texto amplamente utilizado nas escolas, empresas, instituições públicas, já reconhece o termo na língua portuguesa.

Qualquer genealogia empreendida na área de estudo da organização deve ser entendida, então, como uma camada dos palimpsestos² organizacionais. Ela se abre para dialogar com outras, contrapô-las, convergir com elas, para agitar essa denominação rígida e estável que se configurou o campo de saber da Administração, os poderes que institui e os modos de subjetivação que privilegia.

É uma genealogia que enfatiza as memórias, como uma Mnemosyne³ genealógica, visando à montagem de suas afluências (SAMAIN, 2011; DIDI-HUBERMAN, 2013). Ela é um conjunto, não representativo de algo, mas textos-fragmentos de uma realidade da qual faz parte. Seus escritos abarcam lembranças, relatos, imagens produzindo uma forma diferente de crítica, que não é contra hegemônica, mas a-hegemônica. Escritos de experiências singelas que visam restituir sua intensidade em análise, de relatos que carregam certo esplendor mesmo no clamor de sua brevidade. Escritos de um texto que também operou sobre a vida de outrem. Escritos que afetam outras vidas.

Essa é a proposta de uma genealogia que busca analisar o processo de formação de certos dispositivos específicos de um tempo em que o Capital ganhou outras formas, engendrando-se dissimuladamente, seduzindo os sujeitos com promessas de redenção irreais e ilusórias (FOUCAULT, 2008a). Não seria, de fato, equivocados definirmos a fase atual de consolidação capitalista que estamos vivendo como uma gigantesca acumulação e proliferação de dispositivos. Provavelmente, desde que apareceu o *homo sapiens* havia dispositivos, mas poderíamos dizer que hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo (AGAMBEN, 2005).

Assim, em todo dispositivo, é preciso distinguir aquilo que nós somos e aquilo que nós estamos nos tornando: a parte da história, e a parte do atual. “A história é o arquivo, o desenho daquilo que nós somos e que paramos de ser, enquanto que o atual é

² “A diferença entre um palimpsesto manuscrito e um palimpsesto teórico é que o último não é fixado em lugar algum. Ele pode ser reescrito – reinscrito – com todas as camadas que o crescem. E todas elas são transparentes, translúcidas, a não ser quando um agrupamento de inscrições bloqueia a luz cabalística – (como ocorre em células de animação). Todas as camadas estão “presentes” na superfície do palimpsesto – mas o seu desenvolvimento (incluindo o dialético) se tornou invisível e, talvez, sem sentido” (BEY, 2017).

³ Conta-se que os discípulos de Aby Warburg tinham a ideia de dispor em conjunto algumas fotografias de temas estudados pelo mestre como forma de um lembrete para que a pesquisa warburgiana pudesse ressurgir do seu esquecimento. Para Warburg, a ideia de um atlas lhe acompanhou boa parte de sua vida, mas foi a partir de 1924 que algo aconteceu: “de repente, revelou-se uma forma que, a seu ver, não era apenas um ‘resumo em imagens’, mas um *pensamento por imagens*. Não apenas um ‘lembrete’, mas uma *memória de trabalho* (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 383, grifos do autor). Eis donde vem a inspiração para o nome próprio de todo seu empreendimento: *Mnemosyne*.

o esboço daquilo que nós nos tornamos”. [...] “Nós temos que desembaraçar as linhas do passado recente das do futuro próximo: a parte do arquivo da parte do atual, a parte da história daquela do devir, a parte da analítica e a do diagnóstico” (DELEUZE, 2001, p. 7-8).

O que os dispositivos da gestão fazem na nossa cotidianidade é instaurar um modo de existência voltado para o mercado, configurando-o como hegemônico, a partir de uma teologia da prosperidade – religião do capitalismo – que aborta outras possibilidades de constituição de si, e de elaboração de outras e novas formas de organizar.



Figura 1 – A positividade dos dispositivos da gestão no cotidiano.
Fonte: montado pelos autores; notícias da Revista Exame.

Uma analítica dos dispositivos para a organização nos permite articular outro aspecto muito real e importante do mundo: o virtual. O virtual não deve ser simplesmente concebido como o possível, mas como um nível de existência que já está operando no presente como uma força (*virtus*) (GUATTARI, 1993; DELEUZE, 1999), fazendo-se sentir como algo que atua dentro e a partir das positivities⁴ instauradas. Assim, ele é um aspecto crucial da realidade social na vida em organização, já que tem um efeito proeminente sobre o visível e o dizível, o que é tomado como certo e considerado real. De fato, o virtual agencia não apenas o que é ou pode ser considerado possível, mas também o que pode ser imaginado ou antecipado como potencialmente realizável, como algo que se pode esperar ou atuar (RAFFNSØE; GUDMAND-HØYER; THANING, 2016). As pinceladas do pintor Pablo Picasso já nos diziam que “tudo o que podemos imaginar é real”. Uma vez que os dispositivos têm desempenhado um papel orientador na formação da vida organizacional, as virtualidades que eles agenciam ganham precedência analítica e ontológica sobre o atual, podendo ser, nesse sentido, consideradas para se pensar diferente da presente dinâmica de configuração da organização.

Como o termo dispositivo sugere, seu processo analítico se dá por meio do foco na emergência de certas disposições sociais ou inclinações, articulando a forma como esses arranjos afetam as relações em sociedade e a vida em organização. O dispositivo indica e é capaz de explicar a dinâmica inerente a certas formas de organizar: sua produtividade, sua inclusão e força de atração, sua diversificação e disseminação. Uma analítica dos dispositivos, portanto, busca capturar regularidades em processos históricos (RAFFNSØE; GUDMAND-HØYER; THANING, 2016). Sua análise se baseia na visão de que diferentes atos sociais alteram o que foi e que a história dessa maneira é uma repetição constante de rupturas menores que dão abertura para a agência humana, subjugada ou não a uma lógica de saber-poder.

Dessa forma, uma genealogia que priorize a análise de dispositivos se configura como uma proposta teórico-metodológica para a análise organizacional. À medida que ela contorna a dicotomia entre o discursivo e o não-discursivo, permite-nos ir além da

⁴ Segundo Agamben (2005), positividade é o termo que Jean Hyppolite, orientador de Foucault, analisando os textos do jovem Hegel, emprega ao elemento histórico, com toda a sua carga de regras, ritos e instituições impostas aos indivíduos por um poder externo, mas que se torna interiorizada nos sistemas das crenças e dos sentimentos. Foucault, tomando emprestado este termo se posiciona em relação a um problema decisivo, que também o seu próprio: a relação entre os sujeitos e o elemento histórico, entendendo como positividade o conjunto das instituições, dos modos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder.

tendência generalizada em reduzir as organizações a construções estritamente discursivas, e o organizar as práticas linguísticas ordenadas pelo funcionamento transcendental da linguagem.

O que se abre para análise é esse espaço ‘entre’, no intermédio dos elementos da rede dão base para um dispositivo: como o virtual, e o *pathos* de toda produção de subjetividade. De fato, à ilimitada proliferação de dispositivos, que define a fase presente do capitalismo, observamos uma igualmente ilimitada profusão de processos de subjetivação. Todavia, trata-se de uma disseminação que agrega um aspecto de mascaramento que sempre acompanhou todo processo de identificação social (AGAMBEN, 2005).

Assim, embora as formas de apresentação do trabalho em organização e as exigências colocadas para os trabalhadores se modifiquem, em outras palavras, que o regime de verdades a respeito do trabalho na sociedade contemporânea se transforme, os sujeitos ainda se constituem e são constituídos tendo o trabalho como um dos principais elementos do *pathos* que atuam na produção de subjetividade (GUATTARI, 2012; RAMMINGER; NARDI, 2008). Assim, explorar os efeitos das transformações do management na vida de trabalhadores que atravessam processos de subjetivação distintos, marcados por diferentes formas de inserção no mundo do trabalho, principalmente neste nosso período da história, no qual as regras vêm sendo questionadas e alteradas com mais frequência, parece-nos uma questão relevante e que merece continuar sendo estudada.

Como afirma Foucault (2012), os momentos de crise, ruptura e transformação não possuem um destino pré-determinado, revelando potencialidades para o surgimento de sujeitos mais assujeitados às normas ou mais livres para decidir seu caminho. Entender como os diferentes modos de subjetivação engendrados por inúmeros dispositivos que se proliferam na sociedade hoje constitui um marco crucial para compreendermos os rumos das transformações contemporâneas (NARDI, 2006).

De fato, a subjetividade é uma temática cara e imprescindível ao pensamento foucaultiano. Com ele, a noção de subjetividade vai tomar outros contornos para além da relação de exploração entre capital e trabalho na medida em que permite pensar, antes de tudo, na indissociabilidade entre individual e coletivo, interior e exterior, dentro e fora, indivíduo e sociedade, rompendo com as dicotomias que tradicionalmente marcaram o pensamento em torno da produção de subjetividade. A raiz não só da palavra, mas da noção de ‘subjetividade’ remete à experiência de sermos sujeitos, no

amplo espectro ao qual ela pode se manifestar, desde as situações em que somos submetidos a momentos em que agimos, em relação a cada tempo e a cada espaço (ROLNIK, 1993; RAMMINGER; NARDI, 2008).

Portanto, enquanto sujeitos que vivemos e trabalhamos em organização, faz-se necessário compreendermos na minúcia os privilégios do saber; principalmente, quando ele impetra um discurso que se diz para o bem, capturando-nos pelo lado afetivo, visto que todo discurso é corpóreo, imanente. Ele se manifesta na vida, em todos nós. O que tentamos expressar aqui é uma preocupação quanto à generalização do management como modo de subjetivação e uma proposta analítica para diagnosticar o que a preponderante configuração da organização na 'forma empresa' tem produzido. Não se trata de lutar pela emancipação utópica das individualidades, nem de ser contra elas, mas de se posicionar em oposição ao governo da individualização. Afinal, se discurso é corpóreo, a positividade do management não é só uma manifestação da verdade, mas uma configuração cotidiana de formas de prisão, de dominação pelo discurso, pois atua sobre nós como se fosse parte de nós.

O que pode a organização frente a tudo isso? Talvez um caminho seja a criação de uma política dos afetos para o ato de organizar. Precisamos de afeto para balizar as decisões em organização. O conhecimento de si voltado para valores de mercado elimina a ética do processo decisório e nos afasta cada vez mais de uma existência ético-estético-política. Se quisermos caminhar rumo às organizações de paixão, como anunciava Fourier dois séculos atrás, precisamos criar formas de organizar que se baseiem em modos de existência refletidos de acordo com critérios imanentes, com seu teor de possibilidades, de liberdade, de criatividade sem apelar-se a valores transcendentais que hoje, dominados pela lógica do mercado, visam nos universalizar tão-somente à imagem e semelhança dos objetos do Capital.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?:** e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. O que é dispositivo?, **Outra travessia**, Ilha de Santa Catarina, 2005.

BEY, Hakim. **O Palimpsesto**. Disponível em: <<http://hakimbey.blogspot.com.br/2008/06/o-palimpsesto.html>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

DELEUZE, Gilles. Qu'est-ce qu'un dispositif? In: **Michel Foucault philosophe**. Rencontre internationale. Paris, Seuil. 1989. Tradução por Ruy de Souza Dias e revisão técnica de Helio Rebello, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

FOUCAULT, Michel. 'Nietzsche, a genealogia e a história.' In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978) São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. pp. 118-140. In: _____. **Ditos e Escritos IX**. Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a [1982].

FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: um resumo do trabalho em curso. pp. 214-237. In: _____. **Ditos e Escritos IX**. Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b [1983].

GUATTARI, F. Guattari, o paradigma estético. **Cadernos de Subjetividade**, v. 1, n. 1, p. 35-41, 1993.

GUATTARI, Felix. **Caosmoze**: um novo paradigma estético. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

NARDI, H. C. **Ética, trabalho e subjetividade**: trajetórias de vida no contexto do capitalismo contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Escala, 2006 [1882].

RAFFNSØE, Sverre; GUDMAND-HØYER, Marius; THANING, Morten S. Foucault's dispositive: The perspicacity of dispositive analytics in organizational research. **Organization**, v. 23, n. 2, p. 272–298, 2016.

RAMMINGER, T.; NARDI, H. C. Subjetividade e trabalho: algumas contribuições conceituais de Michel Foucault. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 12, n. 25, p. 339-46, abr./jun, 2008.

REVEL, Judith. O pensamento vertical: uma ética da problematização. p. 65-87. In.: GROS, Frederic. **Foucault**: a coragem da verdade. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

ROLNIK, S. A morte de Félix Guattari. **Cadernos de Subjetividade**, v. 1, n. 1, p. 35-41, 1993.

SAMAIN, Etienne. As “Mnemosyne(s) de Aby Warburg: entre antropologia, imagens e arte. **Revista Poiésis**, v. 30, n. 17, p. 29-51, 2011.